

O ECLETISMO E A PRAÇA DA ALFÂNDEGA: REPRESENTAÇÃO E SIGNIFICADO

Renato Holmer Fiore

INTRODUÇÃO

O presente texto, derivado de nossa tese de doutorado (*On “place” and “character” in architecture: the case of Porto Alegre, South Brazil*, Londres: UCL, 2000), orientada pelo Professor Adrian Forty, Ph.D., sobre caráter arquitetônico relativo à noção de “lugar”, apresenta um estudo dos principais significados histórico-arquitetônicos da arquitetura do Ecletismo, especialmente dos prédios do MARGS e do Memorial do Rio Grande do Sul, na Praça da Alfândega, em Porto Alegre, baseado na análise de representações veiculadas pela imprensa durante o século XX. Publicações sobre a cidade e sua arquitetura podem-nos dar importantes indicações sobre a forma como certos edifícios e ambientes urbanos foram vistos ao longo de sua história, por certos setores da sociedade, e apresentados ao público em geral, além de nos permitir acompanhar as principais modificações ocorridas tanto na aparência física quanto nos significados dos lugares analisados.

A Praça da Alfândega é uma das praças centrais de Porto Alegre, um dos mais conhecidos e mais usados espaços públicos da cidade, tendo importantes funções comerciais, culturais e de recreação (Figura 1), comparável talvez a uma antiga *ágora* grega (enquanto a idéia de *acrópole* estaria representada em Porto Alegre pela Praça Marechal Deodoro, mais conhecido pelo seu antigo nome de Praça da Matriz).¹ Sua importância geográfica, histórica e para a vida atual da cidade faz dela um elemento crucial na formação do caráter e identidade locais, e uma das principais referências não apenas para a cidade, mas para toda a região metropolitana.² Alguns dos edifícios históricos mais importantes da cidade estão ao redor da praça. E sua significação é acentuada por formarem um conjunto urbano articulado de particular interesse no contexto de Porto Alegre.

¹ Günter Weimer, *Arquitetura erudita da imigração alemã no Rio Grande do Sul*, São Paulo: USP, 1989 (tese de doutorado), p. L.24.

² Como observado por Leandro Marino Vieira Andrade, “Porto Alegre: indagações sobre desenho e estrutura”, in Wraha M. Panizzi & João F. Rovatti (orgs.), *Estudos urbanos: Porto Alegre e seu planejamento*, Porto Alegre: Ed. UFRGS/Prefeitura Municipal, 1993, p. 73-86, p. 81.



Figura 1 - Vista aérea da Praça da Alfândega. Fotografia de Leo Guerreiro e Pedro Flores (não datada, mas provavelmente dos anos 1960) – acervo do Museu Joaquim José Felizardo/Fototeca Sioma Breitman.

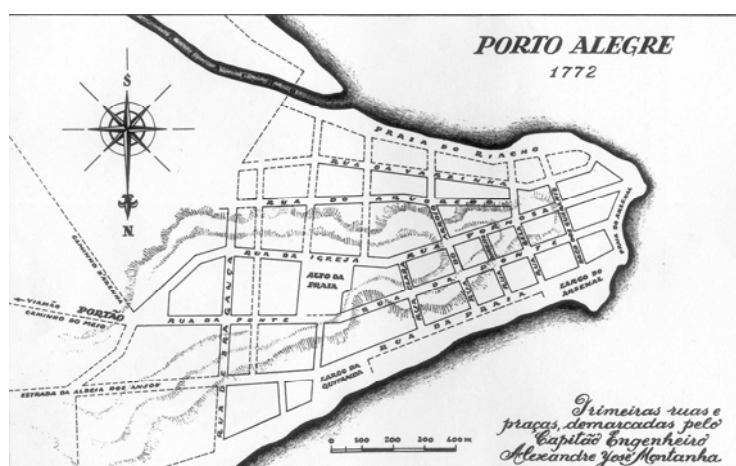


Figura 2 - Reconstituição da planta de Porto Alegre em 1772, por Clóvis Silveira de Oliveira.

BREVE RECAPITULAÇÃO HISTÓRICA

A parte sul da área da atual praça (a parte norte foi produto de aterros posteriores) foi possivelmente o lugar em torno do qual a povoação teve início em meados do século XVIII. Estava localizado junto ao porto natural e era provavelmente, já naquela época, o principal ponto de chegada para os que vinham por barco. De acordo com Clóvis Oliveira, a área foi deixada como espaço aberto quando o capitão Alexandre Montanha delineou as primeiras ruas da povoação em 1772 (Figura 2).³

³ Clóvis Silveira de Oliveira, *Porto Alegre: a cidade e sua formação*, Porto Alegre: Norma, 1985, p. 128-129. Há dúvidas sobre o planejamento das primeiras ruas. Se algum desenho foi feito, este não sobreviveu. De acordo com Weimer, não há documento com uma ordem explícita ao capitão Montanha para fazer um projeto. Mas há indicações de que havia um plano inicial. O padrão em grelha das primeiras ruas, de acordo com Célia Ferraz de Souza, é em si um forte sinal de planejamento. Tanto Weimer quanto Souza são citados em Elmar Bones da Costa (org.), *História ilustrada de Porto Alegre*, Porto Alegre: Já Editores, 1997, p. 36.

A área, pelo final do século XVIII e começo do XIX, era chamada de Largo da Quitanda, servindo como mercado local, como sugere o nome. Em 1803, a alfândega foi instalada ali. A área era, à época, o mais importante setor comercial do povoado, e um trapiche foi construído em frente a ela em 1806, para melhorar as condições de porto. A praça então recebeu o nome de Praça do Comércio.⁴

Em 1824, a alfândega foi instalada em novo prédio construído no meio da praça. Para dar lugar ao novo edifício, as atividades do mercado foram transferidas em 1820 para a atual Praça XV de Novembro.⁵ Com a nova alfândega, a praça ficou conhecida como Praça da Alfândega.

O aspecto do lugar foi melhorado com a construção junto ao rio de um aterro e uma escadaria entre 1856 e 1858. Em 1866 uma fonte de ferro foi colocada no meio da praça, e as primeiras árvores teriam sido plantadas. Em 1868, os moradores da área foram autorizados e estimulados pela administração municipal a ajardinar a área e plantar árvores. Dois anos depois, a praça recebeu bancos.⁶

Em 1883, a praça teve o nome mudado para Praça Senador Florêncio. Este foi o nome oficial até 1979, mas a população continuou conhecendo a praça e referindo-se ao lugar principalmente como Praça da Alfândega. O novo nome homenageava um político que parece não ter adquirido muita importância para a população em geral e cuja significação certamente declinou com o tempo. O aspecto locacional, funcional e histórico do lugar em si sempre foi mais importante.

No começo do século XX, a área sofreu importantes alterações, tendo em vista um plano para modernizá-la e qualificá-la esteticamente, com novas construções monumentais articuladas entre si e com uma ligação mais direta e monumental com a Praça da Matriz, lugar da sede do governo estadual, no alto da colina que constitui a península, no chamado Rio Guaíba, na qual surgiu Porto Alegre. Já desde o final do século XIX, havia-se decidido pela construção de um novo palácio do governo, no local do antigo palácio provincial colonial, construído no final do século XVIII, na Praça da Matriz. O antigo palácio estava já obsoleto funcionalmente e em péssimo estado de conservação. Buscava-se também uma nova imagem de monumentalidade, beleza, higiene, ordem, progresso e modernização. Na mesma linha de preocupações, mas aí com objetivos econômicos mais diretos, planejou-se também a construção de um novo e moderno porto, no lado norte da península, onde estava o porto natural.

⁴ Oliveira, *op. cit.*, p. 129.

⁵ Rualdo Menegat (org.), *Atlas ambiental de Porto Alegre*, Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1998, p. 123.

⁶ *Ibidem*, p. 123.

Os planos para estes dois melhoramentos na cidade, palácio e porto, estavam conectados entre si. Attilio Trebi, das obras públicas do Estado, elaborou um projeto urbano (Figura 3) que propunha uma ligação monumental entre eles, através de uma avenida que partiria do ponto principal de chegada no porto, no prolongamento do eixo central da Praça da Alfândega, cortaria esta praça pelo eixo até a Rua dos Andradas, onde sofreria uma leve inflexão para oeste de forma a apontar na direção do centro da fachada do novo palácio em processo de construção. A quadra entre as ruas dos Andradas e Riachuelo seria cortada nessa direção, para a passagem da avenida, que teria também de vencer o aclive até a Praça da Matriz. Nesta, o eixo seria prolongado, apontando para o centro do palácio, por um dos caminhos de pedestres projetados para a praça, apesar do eixo ser um pouco inclinado, em relação a esta e à fachada do palácio, e do caminho de pedestres ser um pouco deslocado do eixo da avenida. O espaço que depois foi ocupado pelo auditório Araújo Vianna (antes da mudança deste para o Parque Farroupilha), e atualmente pela Assembléia Legislativa, deveria ser incorporado à praça, proporcionando ao palácio um espaço aberto mais amplo e quase simétrico em frente. O eixo visual teria dado mais monumentalidade ao lugar, apesar de algumas distorções.⁷ Todavia, do plano de Trebi foi realizado apenas o primeiro trecho junto ao porto, constituindo a atual Avenida Sepúlveda.

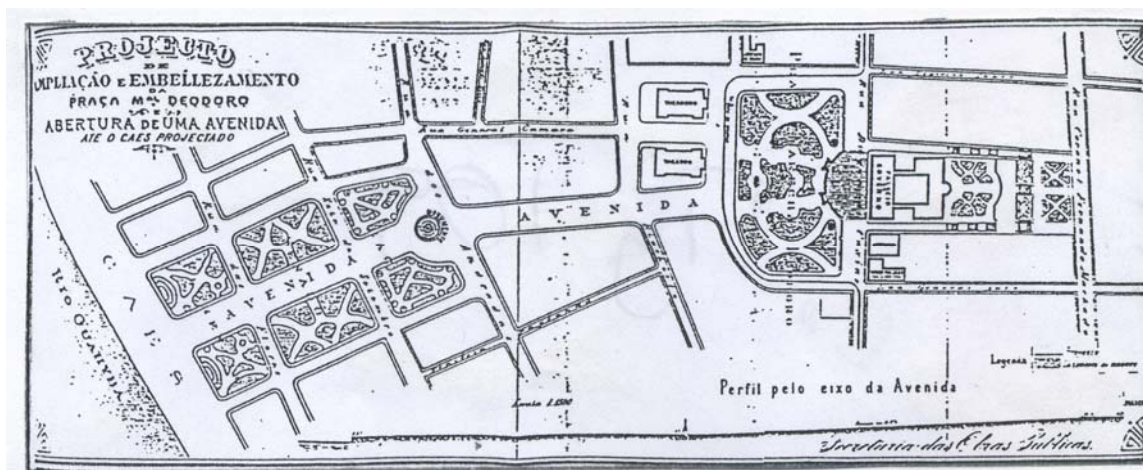


Figura 3 - Projeto de avenida ligando o porto à Praça da Matriz, através da Praça da Alfândega, e de remodelação destas praças, por Attilio Trebi, começo do século XX. Reproduzido em Dóris Maria Machado de Bittencourt, *Os espaços do poder na arquitetura do período positivista no Rio Grande do Sul: o Palácio do Governo*, Porto Alegre: IFCH-PUCRS, 1990 (dissertação de mestrado), p. 238.

⁷ Ver Renato Holmer Fiore, "O espaço da Praça da Matriz com a inserção do Palácio Piratini", *Arqtexto*, Porto Alegre, n. 5, p. 98-109, 2004.

Para isto, a centenária Alfândega foi demolida (1912), e a área foi ampliada com aterro para construção das novas instalações portuárias, o chamado Cais Mauá. Nessa área, além da Avenida Sepúlveda (Figura 4), ligando o porto à praça, foram construídos alguns importantes edifícios públicos, como a Delegacia Fiscal e os Correios e Telégrafos, ambos da esfera do governo federal (Figura 5), sendo a área entre eles e a antiga linha da água, denominada então de Praça Barão do Rio Branco, ajardinada. Estes dois edifícios, pelas suas características próprias e por fazerem parte dessa articulação urbana pretendida na época, têm grande importância arquitetônica e histórica no contexto da cidade.



Figura 4 - Avenida Sepúlveda (vista em direção à Praça da Alfândega). Fotografia do autor.



Figura 5 - Delegacia Fiscal e Correios e Telégrafos. Fotografia (não datada) do acervo do Museu Joaquim José Felizardo/Fototeca Sioma Breitman.

Em 1933 começou a construção de uma nova alfândega, um edifício que ainda existe, apesar de não mais sediar a alfândega.⁸ Ocupa um quarteirão na Avenida Sepúlveda, atrás (para quem vai da praça em direção ao porto) da Delegacia Fiscal (agora o Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS). Em frente à nova alfândega, no outro lado da Avenida Sepúlveda, havia já os edifícios gêmeos das secretarias de Estado da Fazenda e das Obras Públicas, construídos nos anos 1920 (Figura 4).

A significação e persistência do antigo nome da praça foi finalmente reconhecida em 1979, quando a Praça Senador Florêncio (antiga Praça da Alfândega) e a Praça Barão do Rio Branco (formando de fato um único espaço público junto com a anterior) foram declaradas unidas e, conjuntamente, chamadas de Praça da Alfândega.

A cidade do Ecletismo, que rapidamente foi substituindo a cidade colonial nas primeiras décadas do século XX, não chegou, no entanto, sequer a se completar. Uma nova fase de modernização e verticalização iniciou-se na cidade antes mesmo de esgotado o ciclo do Ecletismo. Na própria Praça da Alfândega, em 1931 foi terminado, ao lado do Cine Guarani (Figura 6), o Edifício Imperial, o mais alto de Porto Alegre à época de sua inauguração,⁹ já numa linguagem modernizante, sem referências aos estilos históricos. Prédios ecléticos ao redor da praça foram sendo substituídos, como o Grande Hotel, que existia na esquina da Rua dos Andradas com a Rua Caldas Júnior e que foi destruído por um incêndio.

A praça tem, assim, uma importância fundamental na vida e história da cidade, sendo um de seus espaços centrais (Figura 7). Sua importância cultural e arquitetônica é também fundamental. Os dois edifícios do MARGS (Delegacia Fiscal) e do Memorial do Rio Grande do Sul (antigos Correios), construídos pela firma do engenheiro Rudolph Ahrons, de origem alemã, e que estão entre os mais significativos representantes do Ecletismo de origem germânica em Porto Alegre ligados ao nome do arquiteto imigrante alemão Theodor Wiederspahn,¹⁰ estão tombados como patrimônio histórico, o segundo em nível nacional. Junto a ele, à direita (para quem olha de dentro da praça), há outro edifício importante, um banco monumental de linhas classicistas construído com granito róseo, projetado inicialmente por Wiederspahn. Também tombado pelo Estado, nele hoje funciona o Santander Cultural, pertencente

⁸ Alberto André, “Plano diretor para defesa do centro cultural da cidade”, *Correio do Povo*, Porto Alegre, 15.12.1974, p. 17.

⁹ Ver a respeito Patrícia Pinto Vianna, *O processo de verticalização em Porto Alegre e a contribuição da construtora Azevedo Moura & Gertum*, Porto Alegre: PROPARG/UFGRS, 2003 (dissertação de mestrado).

¹⁰ Os projetos dos dois edifícios têm sido atribuídos a Theodor Wiederspahn, mas é possível que outro arquiteto alemão, Alexander Gundlach, tenha tido um papel especialmente no projeto da Delegacia Fiscal. O projeto dos Correios é certamente de Wiederspahn, mas a atribuição do projeto da Delegacia não nos parece tão clara, não tendo sido refutada a afirmação de Fernando Corona de que o autor do projeto desta teria sido Gundlach. Ver Fernando Corona, “50 anos de formas plásticas e seus autores”, in: Klaus Becker (org.), *Enciclopédia Riograndense*, Canoas: Regional, 1957, v. 3, p. 217-270.

ao Banco Santander. No lado oposto da praça, o que resta do antigo Cine Guarani, mais um projeto de Wiederspahn, e da antiga Farmácia Carvalho (as fachadas estão intactas), também do começo do século XX, agora usado pelo Banco Safra, também está tombado (Figura 6).

Em que pese a importância atualmente conferida a esses remanescentes do Ecletismo, estes nem sempre, no entanto, foram valorizados. Na verdade, seus significados principais sofreram mudanças ao longo do tempo. Uma das formas de acompanharmos este processo histórico é através de uma análise de formas de representação da praça e seus edifícios veiculadas pela imprensa local ao longo do tempo.



Figura 6 - Antigos Cine Guarani (ao centro), obra de Theo Wiederspahn (1914), e Farmácia Carvalho (à direita). As duas fachadas estão preservadas, mas, atrás, o resto dos edifícios antigos foi demolido, sendo construída estrutura totalmente nova para uso do Banco Safra. À esquerda, aparece parte do Edifício Imperial. Fotografia do autor.

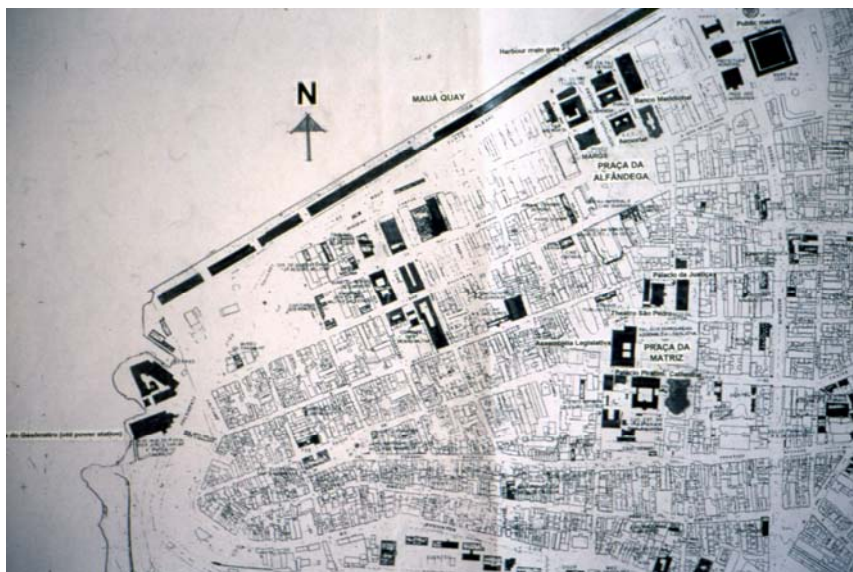


Figura 7 - Mapa da área central de Porto Alegre.

REPRESENTAÇÕES NA IMPRENSA E SIGNIFICADO

Referências à praça e aos edifícios do Eclétismo à sua volta foram recorrentes em revistas e jornais locais desde os inícios do século XX. Em 1918, a revista *Máscara* publicou fotografias sob títulos como “Panoramas de Porto Alegre”¹¹ e “Porto Alegre pittoresca [sic]”,¹² mostrando em particular os edifícios dos Correios e da Delegacia Fiscal, no lado norte da praça, recém terminados à época. Noutra ocasião, o edifício dos Correios aparece numa pequena figura, visto de trás, já que o edifício que hoje bloqueia a vista daquele ângulo ainda não existia.¹³ Uma outra figura mostra o detalhe da entrada da frente dos Correios, embora esteja na verdade enfocando o monumento ao Barão de Rio Branco, erigido em frente ao prédio.¹⁴ Por sua vez, a Delegacia Fiscal apareceu novamente em *Máscara*, com a torre dos Correios, numa fotografia feita durante um evento militar na praça, como se o edifício ajudasse a criar uma atmosfera grandiosa para o evento (Figura 8).¹⁵ *Máscara* também reproduziu um cartão postal em que aparece a Delegacia Fiscal, sozinha.¹⁶ A tomada foi centrada no ângulo da torre alta. Esta imagem é significativa não só porque foi publicada numa revista, mas também por ser um cartão postal. Fotografias como estas mostram como aquela área era bastante significativa para a cidade, naqueles tempos, representando, de fato, a

¹¹ “Panoramas de Porto Alegre”, *Máscara*, Porto Alegre, v. 1, n. 3, 23 fev. 1918, s/p; e “Panoramas de Porto Alegre”, *Máscara*, Porto Alegre, v. 1, n. 8, 30 mar. 1918, s/p.

¹² “Porto Alegre pittoresca”, *Máscara*, Porto Alegre, v. 1, n. 21, s/d., s/p.

¹³ “Aspectos de Porto Alegre”, *Máscara*, Porto Alegre, v. 1, n. 20, 22 jun. 1918, s/p.

¹⁴ “Conde de Porto Alegre e Barão Rio Branco”, *Máscara*, Porto Alegre, v. 3, n. 1, 30 mar. 1920, s/p.

¹⁵ “Do Tiro de Guerra 318, de que era comandante o malogrado Luís Kesler”, *Máscara*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, 6 fev. 1918, s/p.

¹⁶ “Aspectos e panoramas”, *Máscara*, Porto Alegre, v. 3, n. 7, 17 jul. 1920, s/p.

cidade como um todo (como sugerem os títulos). Especialmente os dois novos edifícios aparecem como importantes realizações, símbolos da modernização e crescimento da cidade e do Estado, algo que uma revista local se orgulharia em mostrar e pelo qual a população local teria desejado que a cidade fosse conhecida. Não apenas o sentido de sucesso econômico é importante. As fotografias também carregam uma dimensão estética, como sugerido pelas palavras “panorama” e “pitoresca”. Além do sentido de grandiosidade, dado, por exemplo, pelo estilo ornamentalmente elaborado e pelo tamanho dos edifícios (grandes no contexto da cidade na época, apesar de não muito impressionantes se comparados a muitos edifícios similares europeus) visto em contraste com alguns edifícios coloniais então ainda existentes no entorno, há também um sentido de qualidade estética do conjunto formado pelos dois edifícios em foco. Eles são mostrados como um par, com suas torres de esquina, que estabelecem um diálogo entre si, tendo um importante papel. O plano urbano de Trebi manifesta-se, assim, através dos edifícios, estando na base dessa articulação arquitetônica percebida com interesse.

O motivo, por assim dizer, dos dois edifícios, ou das duas torres, aparece repetidamente, desde então, na imprensa. Em 1926 as duas torres aparecem no plano de fundo de uma fotografia mostrando um bonde.¹⁷ Em 1943, em “Porto Alegre – a metrópole do sul do país”, uma fotografia aérea da praça mostra um belo ângulo com os dois edifícios em evidência¹⁸ (Figura 9). Em 1965, uma propaganda do Banco do Estado (Banrisul) mostra uma figura de uma moça segurando cheques de viagem, com um fundo desenhado representando parte da praça, com o edifício sede do banco, modernista, e a torre da Delegacia Fiscal no lado direito.¹⁹ Em 1979, o *Correio do Povo* publica uma fotografia de 1920 da Delegacia Fiscal, observando que esta forma, junto com os Correios, a entrada para a Avenida Sepúlveda, ligando o portão central do porto à praça. A nota enfatiza aspectos arquitetônicos relacionados ao papel desempenhado pelos edifícios no contexto urbano.²⁰ Em 1990, José Luiz do Amaral relaciona a restauração do MARGS à política do governo estadual de então para as artes. O artigo traz outra interessante fotografia das duas torres de esquina do MARGS e dos Correios, vistas de um ponto mais alto, com o MARGS em primeiro plano (Figura 10). O ângulo é novo e faz com que a relação entre as torres apareça fortemente, tanto em sua similaridade como no contraste de seus estilos decorativos.²¹

¹⁷ “Aspectos urbanos”, *Kosmos*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, 6 fev. 1926, s/p.

¹⁸ “Porto Alegre – a metrópole do sul do país”, *Vamos ler*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 360, p. 3-5, 24 jun. 1943, p. 4.

¹⁹ “Boa viagem com cheques de viagem Banrisul”, *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 890, p. 21, 16 jan. 1965.

²⁰ “Delegacia Fiscal – 1920”, *Correio do Povo*, Porto Alegre, 22.04.1979, p. 20.

²¹ José Luiz do Amaral, “Política cultural para as artes”, *30 dias de cultura*, Porto Alegre, v. 3, n. 24, mar. 1990, p. 5.

O Banrisul é novamente assunto de um artigo em 1993 e aparece numa fotografia grande.²² O banco, todavia, aparece deslocado para o lado esquerdo da figura, permitindo que o edifício do MARGS e a torre dos Correios aparecessem, com as duas torres emoldurando a entrada para a Avenida Sepúlveda, que, com suas altas palmeiras, conduz ao porto. O conjunto urbano formado pela praça, pelos dois edifícios antigos e a avenida é mostrado como se para localizar e dar mais dignidade ao moderno edifício bancário. Uma fotografia muito semelhante já tinha aparecido num editorial de 1974 de outra revista local, sob o título “Uma janela para o mundo”²³ (Figura 11). O editorial informa os leitores sobre o novo endereço da revista, enfatizando que a janela deste abre para o que a cidade tem de “mais belo e digno de preservação”.²⁴ O texto explica que a figura mostra a harmonia dos antigos edifícios “barrocos” (a Delegacia Fiscal e os Correios, com suas referências estilísticas à arquitetura barroca), em contraste com as linhas modernas do “majestoso” edifício do Banrisul, com o rio, o “supremo legado deste nosso novo endereço”,²⁵ ao fundo. O artigo assim acentua o significado da praça, a percepção dela como um espaço belo, com bonitos edifícios, tanto modernos como, por assim dizer, históricos, e sua ligação com o rio, que simboliza a conexão com o mundo exterior, como expresso pelo título do artigo. Os dois edifícios históricos estão no centro da figura. O fotógrafo centrou a tomada exatamente na entrada da Avenida Sepúlveda, marcada pelas duas torres.

O outro lado (sul) da praça também aparece com freqüência na imprensa. Em 1926, a revista *Kosmos* repetidamente publicou fotografias do lado da praça formado pela Rua dos Andradas (popularmente conhecida pelo antigo nome de um dos seus segmentos: Rua da Praia).²⁶ A mesma parte da praça aparece na seção chamada “Porto Alegre de ontem [sic] e de hoje”, da *Revista do Globo*, em 18 de julho de 1931 (Figura 12).²⁷ Esta apresenta duas fotografias de épocas diferentes e as compara, mostrando o “progresso” feito pela cidade. A fotografia de cima (a de “ontem”) não é datada, mas mostra como o lado da praça seria em torno da virada do século XIX para o XX, com alguns edifícios baixos (um a três andares) e bastante simples do século XIX. A fotografia de baixo representa a situação à época. Vários antigos prédios já tinham sido substituídos por novos, um pouco mais altos e mais decorados, nas modas do Ecletismo. Alguns edifícios mais novos eram consideravelmente mais altos, como o Grande Hotel, no canto mais longe da praça, e especialmente o edifício que está

²² “O superbanco”, *Zero Hora*, Porto Alegre, 27.01.1993, p. 1.

²³ “Uma janela para o mundo”, *Signo comunicação*, Porto Alegre, n. 12, ago. 1974, p. 4.

²⁴ *Ibidem*, p. 4.

²⁵ *Ibidem*, p. 4.

²⁶ Fotografias sob o título “A cidade” em *Kosmos*, Porto Alegre, v. 1, n. 3, 20 fev. 1926, s/p; e (duas fotografias separadas) em *Kosmos*, Porto Alegre, v. 1, n. 4, 27 fev. 1926, s/p.

²⁷ “Porto Alegre de ontem e de hoje”, *Revista do Globo*, Porto Alegre, v. 3, n. 18, 18 jul. 1931, s/p.

alguns terrenos antes dele, o Edifício Imperial, já construído numa linguagem modernizante. A revista celebra as mudanças, destacando “o grande progresso da nossa linda capital.”²⁸

Em outra edição da *Revista do Globo* no mesmo ano, em 15 de agosto, a mesma seção “Porto Alegre de ontem [sic] e de hoje” mostra duas imagens do lado oeste da praça, em direção ao canto sudoeste (Figura 13).²⁹ A imagem de “ontem” (não datada) ainda mostra algumas casas térreas de características coloniais. A imagem de “hoje” mostra sua substituição por alguns prédios maiores e mais sofisticados. Um deles parece um edifício do Renascimento francês, combinando elementos clássicos e medievais, com algumas janelas renascentistas toscanas. Na esquina ao fundo, está o Grande Hotel. A vila de aparência colonial deu, assim, lugar à cidade eclética. Embora hoje possamos olhar para a imagem das antigas casas coloniais com alguma admiração, na época estas foram descritas como pequenas e tristes casas com fachadas sem interesse, em frente de uma praça com árvores mirradas e abandonadas, sem calçadas ou caminhos simetricamente dispostos. Contrastando com isto, a fotografia de “hoje” estaria mostrando a mesma esquina com “palacetes bonitos” e o “magestoso [sic]” Grande Hotel: “parece que uma fada boa andou tocando o sítio com sua varinha de condão...”,³⁰ observa a revista. A praça mostra então ruas e calçadas pavimentadas, ajardinamento, bancos e uma bomba de gasolina, um elemento que parece ser especialmente valorizado pela revista como uma “marca vivíssima do progresso de nossa época”.³¹

É bastante evidente que a visão estética representada aqui é em grande parte dominada pelas idéias de progresso e modernização. O que é novo, alto (no caso de edifícios) e atual, o que representa sucesso econômico e técnico é visto como belo, numa concepção bastante simplista típica no Brasil, onde muitos anseiam por uma modernização da aparência que lembre o que eles vêem ou sabem sobre países europeus e os EUA. Olhando as fotografias comparadas pela revista, podemos concordar que as configurações mais recentes parecem “melhores” no sentido de mais novas, mais desenvolvidas, mais ricas, e de impressionarem mais. Há certamente uma dimensão estética nisto, mas uma que é grandemente informada por um princípio econômico, por assim dizer. De nosso ponto de vista, no entanto, não conseguimos realmente ver muito sentido em definir claramente que as formas mais recentes são esteticamente melhores do que as mais antigas. Voltando ao primeiro desses dois

²⁸ Ibidem, s/p.

²⁹ “Porto Alegre de ontem e de hoje”, *Revista do Globo*, Porto Alegre, v. 3, n. 20, 15 ago. 1931, s/p.

³⁰ Ibidem, s/p.

³¹ Ibidem, s/p.

pares de fotografias comparadas, podemos até considerar que o Edifício Imperial, o prédio alto que aparece na figura de “hoje”, na verdade causa um forte distúrbio estético, quebrando a escala do entorno sem nenhuma justificação em termos de ter uma função ou significado particularmente importante ou diferenciado. Além disto, seus lados, com o edifício subindo por vários andares além da altura média dos edifícios vizinhos, são paredes cegas, não tratadas, apenas esperando serem cobertas por outros edifícios altos, que se esperava que substituíssem os prédios mais baixos adjacentes. Essas superfícies laterais podem apenas servir como suporte para algum tipo de propaganda pintada nelas. O resultado, desde um (ou nosso) ponto de vista estético, definitivamente não chega a ser agradável.

A imagem em questão dá uma idéia da velocidade com que a cidade estava sendo modificada. De fato, o contraste mais forte, que acabamos de mencionar, visto na fotografia, não é mais o contraste entre o povoado de características coloniais e a cidade eclética, mas já o contraste entre a última, que não estava sequer consolidada, e a nova geração, por assim dizer, de altos edifícios modernistas (ou modernizantes, ou pré-modernistas, enquanto ainda não se trata exatamente da típica arquitetura ou estilo do Movimento Moderno).

Em 1943, o mesmo lado da praça aparece numa revista do Rio de Janeiro, num artigo já mencionado, destinado a divulgar Porto Alegre por lá.³² Já existe outro edifício alto, o Clube do Comércio, adjacente ao Edifício Imperial (cobrindo a parede cega que aparece na imagem discutida acima), aumentando a impressão de modernização. É curioso, todavia, que este edifício mais recente é mais conservador em termos de linguagem arquitetônica, com uma forte ordem clássica marcando alguns dos andares mais baixos. O artigo, de qualquer modo, acentua a “rápida metamorfose” que sofreu a imagem urbana de Porto Alegre, transformando a “cidade quase colonial dos açorianos” numa “metrópole moderna e trepidante do extremo sul do país”, com sua “massa arquitetônica dos grandes edifícios e arranha-céus”.³³ O artigo também fornece alguns detalhes sobre a história da praça, “o coração da cidade”, e observa que ela era melhor conhecida pelo seu antigo nome de Praça da Alfândega do que pelo seu então nome oficial de Praça Senador Florêncio.³⁴

³² “Porto Alegre – a metrópole do sul do país”, *Vamos ler*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 360, p. 3-5, 24 jun. 1943, p. 3.

³³ *Ibidem*, p. 3.

³⁴ *Ibidem*, p. 4.

A praça e um pouco da arquitetura à sua volta também aparecem na imprensa em outros artigos, fotografias e ocasiões, reforçando sua significação para a cidade.³⁵ Algumas vezes uma figura mostra algum evento que ocorreu na praça, como a fotografia de uma fogueira no pavimento da Rua dos Andradas junto à praça, observado pela multidão.³⁶ Esta foi uma das reações violentas pela morte (suicídio) do presidente Getúlio Vargas em 1954. A fotografia acentua a importância daquele lugar em particular em um momento histórico específico. O mesmo lugar, visto de praticamente o mesmo ângulo, aparece numa fotografia de Sioma Breitman em outro (anterior) importante momento na história da cidade: a grande enchente de 1941 (Figura 14).³⁷ A rua em frente aos edifícios no lado sul da praça está completamente submersa. Devemos observar que não estamos aqui, em princípio, preocupados em analisar eventos específicos e significados que estes eventos em particular conferem ao lugar. Entretanto, pode ser interessante fazer algumas referências a algumas dessas situações na medida em que estas atraem a atenção da imprensa e da população para o lugar e a própria arquitetura.



Figura 14 - Página de "A Rua da Praia de Sioma", *30 dias de cultura*, Porto Alegre, v. 4, n. 42, p. 24, mar./abr./maio 1993. A fotografia mostra o lado sul da Praça da Alfândega durante a enchente de 1941.

³⁵ Foram coletados, durante nossa pesquisa, alguns outros itens publicados em periódicos. No entanto, não é o caso de analisar cada um deles, pois apenas confirmariam o que já foi dito, além de estender desnecessariamente o presente trabalho. Apenas faremos aqui algumas indicações adicionais: Octávio Wagner, "O que minha objetiva fixou", *Revista do Globo*, Porto Alegre, v. 5, n. 24, 13 dez. 1933, p. 17; "Porto Alegre moderno", *Revista do Globo*, Porto Alegre, v. 7, n. 169, 28 set. 1935, p. 89.

³⁶ "Lágrimas de dor e de fumaça", *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 621, p. 57-59, 18 set./1º out. 1954, p. 59.

³⁷ "A Rua da Praia de Sioma", *30 dias de cultura*, Porto Alegre, v. 4, n. 42, mar./abr./maio 1993, p. 24.

Outro artigo interessante foi escrito por Érico Veríssimo, um dos mais importantes escritores locais, e publicado na *Revista do Globo* nos anos 1960. Descreve o que ele achava que seriam as impressões de um turista estrangeiro em visita a Porto Alegre.³⁸ Ele imaginou a si próprio guiando um turista na cidade. O ponto de chegada desse turista imaginário seria o portão central do porto. Ele estaria vindo, portanto, por via fluvial e deixaria o barco para encontrar-se quase que diretamente no “coração da cidade”, entrando na Praça da Alfândega. É interessante ver que a descrição que Veríssimo faz da praça, ao invés de elogiar sua “beleza”, como se poderia esperar (e como parece ter sido a tendência nos outros artigos), na verdade constrói uma imagem um tanto desapontadora:

*“A Praça em que o turista entrará de imediato é igual a mil outras Praças de cidades brasileiras e não muito diferente de ainda mil outras de cidades hispano-americanas. Lá está, no centro, a estátua eqüestre do herói, naturalmente um general.”*³⁹

Sobre a arquitetura em volta da praça, Veríssimo tinha o seguinte a dizer:

*“Até agora o visitante nada viu em matéria de edificações que lhe pudesse fornecer elementos para determinar a influência predominante na arquitetura local – se grega, romana, ibérica, chinesa, escandinava... ou que? Porque os edifícios ao redor desta Praça, excluindo os novos em estilo moderno, lhe parecem incharacterísticos e dum mau gosto... Ali está uma casa com algo de rococó, mais adiante outra com vestígios de barroco, ao pé duma terceira cuja fisionomia é irremediavelmente colonial. O que, porém, predomina nestas quatro quadras que cercam a Praça Senador Florêncio são os prédios erguidos no tempo em que a influência mais forte era a do art nouveau. Céus! Aquelas cúpulas, aquelas mulheres robustas...! E os atléticos cavalheiros semi-nus que agüentam sobre os ombros musculosos sacadas, frontões e pórticos! Ai! E aquela fachada ali na esquina... que bolo de noiva é aquele?”*⁴⁰

Há várias questões interessantes sobre esta manifestação. Primeiro, o autor é altamente crítico do que ele vê lá, ao invés de simplesmente falar das “belezas” e do “progresso” da cidade. Ele na verdade expressa um desapontamento com a qualidade arquitetônica daquele lugar, uma percepção de que o lugar não apresenta uma característica própria, específica, forte, parecendo-se com milhares de outras praças no país e no continente. Pode-se notar, todavia, que isto poderia implicar ao menos

³⁸ Érico Veríssimo, “Porto Alegre na mira do turista”, *Revista do Globo*, Porto Alegre, v. 36, n. 896, p. 2-7, 10 abr. 1965.

³⁹ *Ibidem*, p. 5.

⁴⁰ *Ibidem*, p. 5.

uma localização cultural em termos bastante amplos (nacional ou continental), apesar de negar a existência de um caráter local específico. No entanto, o ponto de vista do autor é claramente o de que o lugar carece também de um claro caráter cultural. Haveria várias influências externas e, portanto, um sentido de um internacionalismo indistinto, uma falta de caráter local mesmo se este caráter local pudesse ser entendido como tendo uma origem externa básica identificável.

Mais do que a impressão de falta de um caráter local, Veríssimo também sugere um sentido de falta geral de interesse e mesmo, em relação a alguns aspectos, de feiúra e inadequação. Ele claramente deplora a existência de vários edifícios na praça. Pode ser observado que esta atitude crítica parece estar próxima a posições comuns na atualidade, expressas especialmente por arquitetos e críticos, de que a qualidade geral do ambiente arquitetônico de Porto Alegre deixa a desejar.⁴¹

Contudo, curiosamente, esta similaridade entre as opiniões de Veríssimo e as de tempos mais recentes deriva de pontos de vista substancialmente diferentes. Os alvos principais da crítica e ironia de Veríssimo foram exatamente os edifícios ecléticos do começo do século XX (ele escreve que na época o Art Nouveau era a influência mais forte, mas isto não é bem exato – ele na verdade está-se referindo principalmente, como pode ser percebido pelas suas descrições de elementos arquitetônicos, ao que nós chamamos de arquitetura historicista e eclética). Ele claramente poupou os edifícios modernistas do seu ataque e acusação de serem “incharacterísticos”. Atualmente, ao contrário, uma boa dose de valor tem sido atribuída exatamente a esses edifícios mais antigos, do tempo do Ecletismo. Os edifícios agora ocupados pelo MARGS e o Memorial têm sido particularmente reconhecidos como estando entre os mais importantes na cidade e como algo característico de Porto Alegre. Entretanto, Veríssimo ridicularizou suas cúpulas e ornamentação, e os acusou de serem desprovidos de caráter.

Mais recentemente, a crítica direcionou-se, em boa parte, para certos desenvolvimentos modernistas e para o paradigma modernista no planejamento urbano, muitas vezes culpados por um caráter insatisfatório de lugar. Em seu tempo, contudo, as esperanças de Veríssimo de uma melhora da qualidade arquitetônica de Porto Alegre residiam precisamente no paradigma modernista. Isto de novo fica claro quando ele afirma que tem grandes esperanças de que os novos arquitetos formados em Porto Alegre “com o tempo talvez possam ir melhorando a fisionomia da cidade”.⁴²

⁴¹ Ver Introdução da tese de doutorado de Renato Holmer Fiore, *On “place” and “character” in architecture: the case of Porto Alegre, South Brazil*, Londres: UCL, 2000, p. 27-28.

⁴² Veríssimo, op. cit., p. 6.

Veríssimo dá todos os sinais de que tinha conhecimento das tendências básicas do pensamento arquitetônico de seu tempo. Suas opiniões e críticas estão todas marcadas por pontos de vista modernistas, dominantes à época na arquitetura e na educação arquitetural brasileiras. Sua aversão pelas fachadas pesadamente decoradas é outra boa indicação disto. E a acusação de que os edifícios ecléticos eram “incharacterísticos” reflete a noção, corrente na época, de que o Historicismo e o Ecletismo, além de serem “incharacterísticos” da época por causa de sua insistência na imitação de velhos estilos, eram “incharacterísticos” da nação, sendo considerados como importações diretas da Europa, e não manifestações da cultura local, enquanto, por outro lado, a arquitetura modernista no Brasil era considerada capaz de representar a cultura nacional.

Nos anos 1970, no entanto, a atenção começou a recair sobre esses edifícios do período do Ecletismo, especialmente pelo movimento preservacionista. E nos anos 1980, veríamos sua, por assim dizer, reabilitação. Novas pesquisas sobre os arquitetos, a produção desses edifícios e suas condições históricas reforçaram sua significância histórica e arquitetônica e selaram seu status de monumentos arquitetônicos locais, aumentando, por sua vez, a significação da praça como um todo.

Nossa pesquisa obteve vários artigos das últimas duas ou três décadas com referências especialmente a esses edifícios do lado norte da praça. Em 1974, tanto os Correios como a Delegacia Fiscal foram mencionados numa lista de edifícios selecionados para preservação, em Porto Alegre, preparada por uma comissão especial formada para fazer sugestões para a administração municipal.⁴³ Nos meados dos anos 1970, preocupações com o patrimônio arquitetônico histórico da cidade apareceram na imprensa. O tom é geralmente um tanto sombrio, com artigos apontando para a contínua destruição desse patrimônio, a falta de interesse neste por parte da população e das autoridades, e o precário estado de conservação dos exemplares restantes da arquitetura histórica. De qualquer modo, um movimento preservacionista começou a marcar presença, e a designação de edifícios como objetos dignos de preservação conferiu a eles um novo status e uma renovada significação para o lugar.

Ainda em 1974, houve discussões sobre a proposta de transformar a área em torno da Avenida Sepúlveda num centro cultural. A Delegacia Fiscal e os Correios estavam incluídos. Foi proposto que o plano diretor para a área fosse modificado para impedir a demolição de edificações históricas e a construção de novos prédios que pudessem

⁴³ Alberto André, “Ficou pouco da velha Porto Alegre”, *Correio do Povo*, Porto Alegre, 01.12.1974, p. 17.

descaracterizar a área. O edifício da Delegacia Fiscal tinha já sido cedido em março daquele ano para o governo estadual para a instalação do museu de arte, o MARGS. O artigo que traz a reportagem a respeito também afirma que os edifícios da Delegacia Fiscal e dos Correios eram do tempo do engenheiro Rudolph Ahrons e do estilo *Art Nouveau*, o que, todavia, sugere que havia, na época, alguma confusão com o entendimento dos estilos.⁴⁴

A apreciação pelos dois edifícios continua a aparecer em outros artigos dos anos 1980 e 1990. Em 1981, o edifício dos Correios e Telégrafos foi tombado como patrimônio nacional. *Zero Hora* marcou a ocasião com uma reportagem sobre o prédio, descrito, bastante acertadamente, como sendo de estilo neo-barroco alemão.⁴⁵ Apesar disto, certas imprecisões aparecem. Em 1989, o artigo “Porto Alegre: marcas germânicas na cidade” menciona a escadaria na frente dos Correios, que leva a um grande saguão, e qualifica o MARGS como um dos mais belos edifícios na cidade, descrevendo-o, de forma um tanto inadequada, contudo, como um “autêntico palácio neoclássico”.⁴⁶ Em 1990, um artigo recomendando um passeio pela cidade durante as férias inclui os dois edifícios e, de novo, classifica o MARGS como neoclássico.⁴⁷ Em 1993, Ruy Arteche observa que os dois edifícios formam um imponente conjunto e que o uso de colunas clássicas (“gregas”, no dizer do autor) no MARGS ao mesmo tempo que cúpulas metálicas bulbosas (as quais, para o autor, parecem capacetes prussianos) é um sinal do Ecletismo do arquiteto Theodor Wiederspahn,⁴⁸ ao qual o projeto do edifício tem sido atribuído. Em 1997, o *Jornal do Comércio* publicou um artigo sobre o edifício do MARGS, destacando suas excepcionais características construtivas e estéticas.⁴⁹

Outro aspecto que levou o MARGS para as páginas dos jornais no fim dos anos 1980 e nos anos 1990 foi a necessidade de restauração. Apesar de ser reconhecido como um dos mais importantes edifícios históricos da cidade, e abrigando uma de suas mais importantes instituições culturais, passou por uma restauração completa apenas nos finais da década de 1990. Há vários artigos na imprensa tratando deste assunto.⁵⁰ Não é o caso, porém, de entrarmos aqui em detalhes a respeito. Em março de 1998, a

⁴⁴ Idem, “Plano diretor para defesa do centro cultural da cidade”, *Correio do Povo*, Porto Alegre, 15.12.1974, p. 17.

⁴⁵ “Agora, um patrimônio histórico e cultural”, *Zero Hora*, 19.01.1981, Segundo Caderno, p. 1. O edifício do MARGS foi tombado pelo Estado em 1985.

⁴⁶ Juarez Porto, “Porto Alegre: marcas germânicas na cidade”, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 15.11.1989, Viagem, p. 4.

⁴⁷ “Um roteiro de férias dentro de Porto Alegre”, *Zero Hora*, Porto Alegre, 13.07.1990, p. 14-15, p. 15.

⁴⁸ Ruy Arteche, “O mais eclético dos mestres”, *Zero Hora*, Porto Alegre, 23.05.1993, Revista ZH, p. 9.

⁴⁹ Marion Divério Pozzi, “Vanguarda no início do século”, *Jornal do Comércio*, Porto Alegre, 26.03.1997, p. 16.

⁵⁰ “Tempo de reconstrução de prédios culturais”, *30 dias de cultura*, Porto Alegre, n. 1, jan./fev. 1988, p. 4; “As reformas no MARGS têm prazo para acabar”, *Zero Hora*, 23.02.1989, Segundo Caderno, p. 3; Décio Presser, “MARGS faz 35 anos”, *30 dias de cultura*, Porto Alegre, v. 2, n. 16, jun. 1989, p. 3; “Chuva impede visita ao MARGS”, *Zero Hora*, Porto Alegre, 08.09.1994, p. 45; e Eduardo Veras, “O MARGS espera por um milagre”, *Zero Hora*, Porto Alegre, 25.07.1996, Segundo Caderno, p. 1.

restauração total foi completada. *Zero Hora* publicou uma reportagem especial sobre o museu na data de sua re-inauguração.⁵¹

Por sua vez o antigo edifício dos Correios também foi objeto de importante trabalho de renovação nos anos 1990. Não foi apenas restaurado, mas reciclado para abrigar o novo Memorial do Rio Grande do Sul.⁵² Uma certa simetria em termos de funções entre os edifícios gêmeos, quebrada quando a Delegacia Fiscal foi transformada em museu, seria agora restaurada, com o prédio dos Correios também transformado em museu. Em 1997, o *Jornal do Comércio* fez uma reportagem sobre o plano de transformar o edifício no Memorial do Rio Grande do Sul. O artigo afirma que o edifício foi construído entre 1910 e 1914 por Wiederspahn num “estilo germânico com influência barroca”. A influência germânica seria visível no “excesso de elementos decorativos da fachada” e nas cúpulas, confusamente descritas como tendo o “formato do capacete usado pelos soldados alemães na guerra contra a Prússia.”⁵³ Situado por uns 85 anos entre as árvores da praça, e tendo-se tornado parte da imagem tradicional do centro da cidade, o edifício, como observa o jornal, vinha, contudo, sendo progressivamente esquecido relativamente a edifícios mais modernos. Mas, continua o artigo, a conscientização sobre a herança cultural estava crescendo e salvaria o edifício, que seria transformado num centro de pesquisa e museu da história do Estado.⁵⁴

Assim, podemos afirmar que a última década representa um novo ponto alto na história de ambos os prédios, com repercussões para a praça onde se localizam. Eles foram fisicamente renovados e abrigam importantes instituições culturais que enriquecem sua significação. A novidade do Memorial e o trabalho de restauração realizado nos dois edifícios também geraram um renovado interesse por eles, que tiveram seu significado histórico arquitetural recuperado, ou mesmo reconstruído.

⁵¹ “Museu reabre as portas ao público”, *Zero Hora*, Porto Alegre, 19.03.1998, Segundo Caderno, Especial MARGS.

⁵² Liane Faccio, “Antigo prédio do Correio vai virar museu”, *Zero Hora*, Porto Alegre, 27.03.1993, p. 31.

⁵³ “Abrigo para a história gaúcha”, *Jornal do Comércio*, Porto Alegre, 12.05.1997, Panorama.

⁵⁴ *Ibidem*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como esta análise de material publicado na imprensa sugere, a forma como a praça e a arquitetura em questão têm sido vistas sofreu mudanças ao longo do tempo. É claramente visível nas representações feitas da praça pela imprensa na primeira metade do século XX a celebração bastante acrítica do progresso, da modernização e das novas construções. Nas primeiras décadas do século, foram saudados os novos edifícios do Ecletismo, que substituíram as antigas casas coloniais, vistas como sinal de atraso. Já em torno de 1930, começaram a aparecer edifícios mais altos e modernizantes, aplaudidos por seu novo ímpeto modernizador, seguidos mais tarde por obras propriamente modernistas. A Praça da Alfândega, assim, aparecia como símbolo fundamental da cidade que cresce e se moderniza.

Considerando mais especificamente os exemplares arquitetônicos mais significativos da praça, os prédios do MARGS e do Memorial, vemos que, em seus primeiros tempos, foram admirados como melhoramentos na cidade e imagens de modernidade, o que pode também ter representado a idéia de restabelecimento dos vínculos com a Europa. Porém, quando em sua condição de representarem algo novo, progressista e imponente, começaram a ser ultrapassados por novas construções na cidade, com a idéia de modernidade passando a ser identificada com novos edifícios em altura, eles parecem ter caído para uma posição secundária, apesar de continuarmos vendo na imprensa uma apreciação do conjunto e da articulação urbana estabelecida por eles a partir do plano de Trebi. A partir dos finais da década de 1940, aqueles prédios podiam mesmo ser vistos de forma negativa por quem estava imbuído dos ideais modernistas então dominantes. A caracterização “européia” começou a ser considerada inadequada, ao ponto de representar um sentido de falta de caráter ou de algo simplesmente estrangeiro.

Nos anos 1970, no entanto, um movimento preservacionista emergente identificou-os como prédios “históricos”. Sua reabilitação plena, por assim dizer, ocorreu nos anos 1980 e 1990, seguindo-se a novas pesquisas sobre sua história arquitetural, e a uma nova conscientização e atitude em relação ao Ecletismo e ao patrimônio histórico arquitetônico, aparentes nos artigos publicados na imprensa. Assim, nas últimas décadas do século XX, a interpretação fundamental do significado da praça vai mudando. O significado de lugar “histórico” passa a ser mais importante do que uma nova afirmação de modernidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRIGO para a história gaúcha. *Jornal do Comércio*, Porto Alegre, 12.05.1997, Panorama.
- A CIDADE. *Kosmos*, Porto Alegre, v. 1, n. 3, s/p, 20 fev. 1926.
- A CIDADE. *Kosmos*, Porto Alegre, v. 1, n. 4, s/p, 27 fev. 1926.
- AGORA, um patrimônio histórico e cultural. *Zero Hora*, 19.01.1981, Segundo Caderno, p. 1.
- AMARAL, José Luiz do. Política cultural para as artes. *30 dias de cultura*, Porto Alegre, v. 3, n. 24, p. 5, mar. 1990.
- ANDRADE, Leandro Marino Vieira. Porto Alegre: indagações sobre desenho e estrutura. In: PANIZZI, Wрана M. & ROVATTI, João F. (orgs.). *Estudos urbanos: Porto Alegre e seu planejamento*. Porto Alegre: Ed. UFRGS/Prefeitura Municipal, 1993, p. 73-86.
- ANDRÉ, Alberto. Plano diretor para defesa do centro cultural da cidade. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 15.12.1974, p. 17.
- ANDRÉ, Alberto. Ficou pouco da velha Porto Alegre. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 01.12.1974, p. 17.
- ARTECHE, Ruy. O mais eclético dos mestres. *Zero Hora*, Porto Alegre, 23.05.1993, Revista ZH, p. 9.
- A RUA da Praia de Sioma. *30 dias de cultura*, Porto Alegre, v. 4, n. 42, p. 24, mar./abr./maio 1993.
- ASPECTOS de Porto Alegre. *Máscara*, Porto Alegre, v. 1, n. 20, 22 jun. 1918, s/p.
- ASPECTOS e panoramas. *Máscara*, Porto Alegre, v. 3, n. 7, s/p, 17 jul. 1920.
- ASPECTOS urbanos. *Kosmos*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, s/p, 6 fev. 1926.
- AS REFORMAS no MARGS têm prazo para acabar. *Zero Hora*, 23.02.1989, Segundo Caderno, p. 3.
- BITTENCOURT, Dóris Maria Machado de. *Os espaços do poder na arquitetura do período positivista no Rio Grande do Sul: o Palácio do Governo*. Porto Alegre: IFCH-PUCRS, 1990 (dissertação de mestrado).
- BOA viagem com cheques de viagem Banrisul. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 890, p. 21, 16 jan. 1965.
- CHUVA impede visitaçao ao MARGS. *Zero Hora*, Porto Alegre, 08.09.1994, p. 45.
- CONDE de Porto Alegre e Barão Rio Branco. *Máscara*, Porto Alegre, v. 3, n. 1, s/p, 30 mar. 1920.
- CORONA, Fernando. 50 anos de formas plásticas e seus autores. In: BECKER, Klaus (org.). *Enciclopédia Riograndense*. Canoas: Regional, 1957, v. 3, p. 217-270.
- COSTA, Elmar Bones da (org.). *História ilustrada de Porto Alegre*. Porto Alegre: Já Editores, 1997.
- DELEGACIA Fiscal – 1920. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 22.04.1979, p. 20.
- DO TIRO de Guerra 318, de que era comandante o malogrado Luís Kesler. *Máscara*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, s/p, 6 fev. 1918.
- FACCIO, Liane. Antigo prédio do Correio vai virar museu. *Zero Hora*, Porto Alegre, 27.03.1993, p. 31.
- IORE, Renato Holmer. *On “place” and “character” in architecture: the case of Porto Alegre, South Brazil*. Londres: UCL, 2000 (tese de doutorado).
- IORE, Renato Holmer. O espaço da Praça da Matriz com a inserção do Palácio Piratini. *Arqttexto*, Porto Alegre, n. 5, p. 98-109, 2004.
- LÁGRIMAS de dor e de fumaça. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 621, p. 57-59, 18 set./1º out. 1954.
- MENEGAT, Rualdo (org.). *Atlas ambiental de Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1998.
- MUSEU reabre as portas ao público. *Zero Hora*, Porto Alegre, 19.03.1998, Segundo Caderno, Especial MARGS.

OLIVEIRA, Clóvis Silveira de. *Porto Alegre: a cidade e sua formação*. Porto Alegre: Norma, 1985.

O SUPERBANCO. *Zero Hora*, Porto Alegre, 27.01.1993, p. 1.

PANORAMAS de Porto Alegre. *Máscara*, Porto Alegre, v. 1, n. 3, s/p, 23 fev. 1918.

PANORAMAS de Porto Alegre. *Máscara*, Porto Alegre, v. 1, n. 8, s/p, 30 mar. 1918.

PORTO Alegre – a metrópole do sul do país. *Vamos ler*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 360, p. 3-5, 24 jun. 1943.

PORTO Alegre de ontem e de hoje. *Revista do Globo*, Porto Alegre, v. 3, n. 18, s/p, 18 jul. 1931.

PORTO Alegre de ontem e de hoje. *Revista do Globo*, Porto Alegre, v. 3, n. 20, s/p, 15 ago. 1931.

PORTO Alegre moderno. *Revista do Globo*, Porto Alegre, v. 7, n. 169, p. 89, 28 set. 1935.

PORTO Alegre pittoresca. *Máscara*, Porto Alegre, v. 1, n. 21, s/p., s/d.

PORTO, Juarez. Porto Alegre: marcas germânicas na cidade. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 15.11.1989, Viagem, p. 4.

POZZI, Marion Divério. Vanguarda no início do século. *Jornal do Comércio*, Porto Alegre, 26.03.1997, p. 16.

PRESSER, Décio. MARGS faz 35 anos. *30 dias de cultura*, Porto Alegre, v. 2, n. 16, p. 3, jun. 1989.

SOS ao Museu de Arte. *Zero Hora*, Porto Alegre, 09.09.1994, p. 10.

TEMPO de reconstrução de prédios culturais. *30 dias de cultura*, Porto Alegre, n. 1, p. 4, jan./fev. 1988.

UMA JANELA para o mundo. *Signo comunicação*, Porto Alegre, n. 12, p. 4, ago. 1974.

UM ROTEIRO de férias dentro de Porto Alegre. *Zero Hora*, Porto Alegre, 13.07.1990, p. 14-15.

VERAS, Eduardo. O MARGS espera por um milagre. *Zero Hora*, Porto Alegre, 25.07.1996, Segundo Caderno, p. 1.

VERÍSSIMO, Érico. Porto Alegre na mira do turista. *Revista do Globo*, Porto Alegre, v. 36, n. 896, p. 2-7, 10 abr. 1965.

VIANNA, Patrícia Pinto. *O processo de verticalização em Porto Alegre: a contribuição da construtora Azevedo Moura & Gertum*. Porto Alegre: Faculdade de Arquitetura, UFRGS, 2004 (dissertação de mestrado).

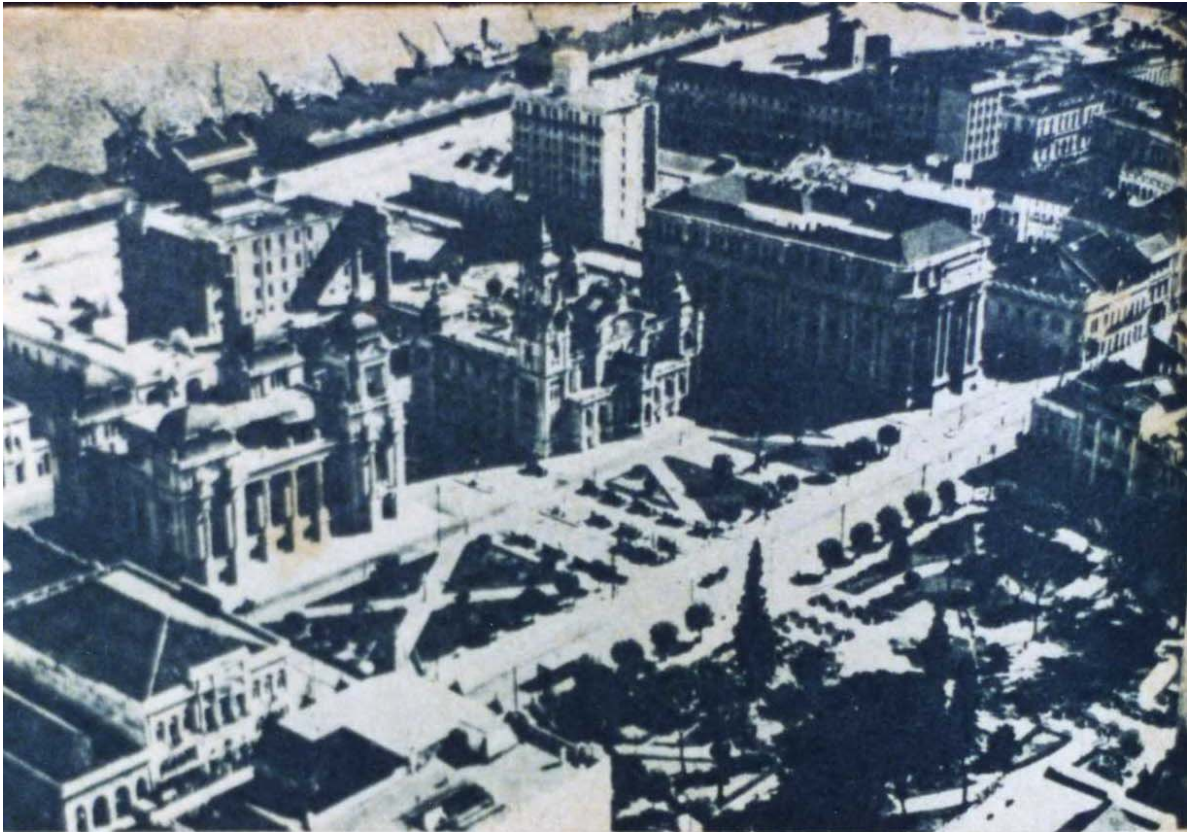
WAGNER, Octávio. O que minha objetiva fixou. *Revista do Globo*, Porto Alegre, v. 5, n. 24, p. 17, 13 dez. 1933.

WEIMER, Günter. *Arquitetura erudita da imigração alemã no Rio Grande do Sul*. São Paulo: USP, 1989 (tese de doutorado).

FIGURAS ANEXAS:



Figura 8 - Página de *Máscara*, v. 1, n. 1, 6 fev. 1918, s/p., mostrando evento militar em frente à Delegacia Fiscal e aos Correios.



Praça Rio Branco

deudas) conserva, especialmente no seu ponto inicial, isto é, nas proximidades da antiga e desaparecida praça da Harmonia e no ponto próximo à Independência, alguns prédios que relembram ainda, embora modificados, as janelas de guilhotina, os beirais e os jacarés coloniais que vomitavam água nos dias de chuva. Mas, são poucos e se perdem inteiramente entre as edificações modernas a que não faltam algumas aparências "yankees".

*

As fotografias que estampamos nestas páginas mostram o que é Porto Alegre neste ano da graça de 1943. E', como se vê, uma cidade moderna com todos os sinais de uma grande atividade e de surpreendentes realizações. Vemos nessas imagens fotográficas um trecho da praça Senador Florencio (antiga da Alfândega), um esboço da avenida Borges de Medeiros e aspectos da rua da Praia (hoje dos Andradas). É o coração da cidade. Ali se encontram as grandes casas de modas, os melhores cinemas e teatros, os cafés, confeitarias e restaurantes mais bem frequentados, hotéis, armazéns, etc.

Esse é o ponto que mais transformações sofreu na cidade. A Avenida Borges de Medeiros, por exemplo — iniciativa do saudoso prefeito Otavio Rocha, falecido em 1927 e a quem tantas iniciativas e realizações deve Porto Alegre — foi rasgada sobre o antigo beco do Poço, via mal afamada e possivelmente frequentada que ainda em 1926 vinha desembocar na rua dos Andradas. Essa grande artéria não vem apenas descomgestionar o tráfego e o trânsito do centro urbano, mas ligar a zona comercial à Cidade Baixa, afastadas

porque essas duas partes se localizam nos sopés opostos da colina em que Porto Alegre foi construída. Para essa nova avenida, em que se ergue um magnífico viaduto, afluiu uma parte do melhor comércio da cidade. Edificada com prédios de dez e doze andares, se tornou, desde logo o ponto preferido de casas de diversões, confeitarias, "magazins" de modas etc., sem contar que atraiu grandes escritórios, consultórios, sedes de empresas, que foram ocupar os andares superiores dos alterosos edifícios.

A Avenida Borges de Medeiros corta a rua dos Andradas, que, com o nome de rua da Praia, detem a tradição de elegância da cidade. Com a abertura da avenida, a rua da Praia parece que terá o destino da nossa rua do Ouvidor aqui no Rio.

É curioso recordar, aqui, algumas fases dessa artéria que foi sempre a principal da cidade.

*

Rua da Praia por que?

Porque o Guaíba, rio que banha Porto Alegre, lá morrer ali nos primeiros tempos da cidade. É interessante saber, entretanto, que a sua primeira denominação oficial era — rua da Graça. Os porto-alegrenses, porém, começaram a chamá-la — rua da Praia. Foi, então, resolvido, oficialmente, que ela teria duas denominações: da atual rua General Salustiano (antiga da Passagem) até a rua General Câmara (Ladeira), seria rua da Praia; da Ladeira em diante, rua da Graça.

Ainda nas fotografias que estão publicadas nestas páginas, vemos a praça Senador Florencio, que é a mais central de

Porto Alegre e que faz frente com a rua da Praia.

Também esta praça oficialmente batizada Senador Florencio é mais conhecida por praça da Alfândega. Pode-se mesmo afirmar que ninguém em Porto Alegre a chama pelo seu nome atual. E, como a rua da Praia, ela tem uma história, que é a história da sua nomenclatura. Com a praça da Harmonia (desaparecida desde 1918) e o Alto da Bronze, a praça Senador Florencio é das mais antigas de Porto Alegre. Nos primeiros tempos da cidade, ali foi construído o mercado público, que funcionava num barracão de madeira, ao centro da praça. Os porto-alegrenses daqueles dias recuados chamavam-na então "Praça da Quitanda". Mais tarde, construído o novo Mercado Público, construído no ponto em que está o atual reformado, pois o primitivo foi em grande parte destruído por um incêndio, a "Quitanda" foi retirada. Construíram, no seu lugar, um prédio de alvenaria, onde foi instalada a Alfândega. Passou então, a praça, a chamar-se "da Alfândega". Só mais tarde, quando essa repartição se mudou e o edifício foi demolido para fazer espaço, o seu nome foi oficialmente mudado para Senador Florencio. Mas, o nome de Praça da Alfândega estava definitivamente consagrado. Ninguém mais o esqueceu...

E aí estão algumas informações sobre o coração da capital do Rio Grande do Sul. Mas, não é só o centro urbano que merece a atenção dos que visitam Porto Alegre. Toda a cidade oferece aspectos dignos de serem registrados.

Infelizmente, uma nota como esta não permite um trabalho longo. Limitar-nos-emos, por isso, a indicar à curiosi-

Figura 9 - Página de "Porto Alegre - a metrópole do sul do país", Vamos ler, Rio de Janeiro, v. 7, n. 360, p. 3-5, 24 jun. 1943, p. 4. Fotografia com vista aérea da Praça da Alfândega.

Política Cultural para as Artes Plásticas

JOSÉ LUIZ DO AMARAL



Durante muito tempo, o plano do poder público estadual na área de cultura e de forma especial com relação ao setor das artes plásticas buscou na promoção das atividades de legitimação das artes. Bem diversa passou a ser a orientação adotada pelo atual Governo do Estado. As propostas geradas de mudança, democratização do trabalho artístico e organização trazidas pela administração pública que assumiu em 1987 nortearam, desde logo, o planejamento da nova Coordenadoria.

Figura 10 - Página de José Luiz do Amaral, "Política cultural para as artes", *30 dias de cultura*, Porto Alegre, v. 3, n. 24, p. 5, mar. 1990, com fotografia mostrando as torres do MARGS e dos Correios.



Uma janela para o mundo

Bem ao alcance dos nossos olhos o verde inigualável da Praça da Alfândega. Ao fundo, a harmonia dos velhos prédios barrocos dos Correios e Telégrafos e da Delegacia Fiscal, contrastando-se com a modernidade de linhas do majestoso Banco do Estado do Rio Grande do Sul. E ao fundo, o rio, o supremo legado deste nosso novo endereço.

Na verdade nem sequer mudamos de edifício. Apenas descemos para o 9.º andar, conjunto 900, e como uma espécie de prêmio ganhamos esta janela para a nossa cidade e para uma parcela do que ela tem de mais belo e digno de preservação.

A presença deste rio, ali tão perto, a refletir na calma de sua massa líquida, este tranqüilo sol de inverno e a nos prometer os inesquecíveis crepúsculos que ele sabe protagonizar, nos rende um sério compromisso: a luta pelos valores permanentes que tudo isso representa.

Tanto a redação da Revista Signo-Comunicação, quanto a Agência Imagem e Ação, Assessoria de Comunicações Ltda. esta a empresa editora que possibilitou com o seu trabalho o nascimento desta experiência que hoje vai ganhando o selo da permanência com o seu 12.º número, passam a ocupar, portanto, o conjunto 900, no 9.º andar do edifício Chaves, à rua dos Andradas, 1155. O número do telefone é o mesmo: 24-90-83. Se o amigo leitor ainda não é assinante, use-o com toda a tranqüilidade. Ou visite-nos, para compartilhar conosco alguns momentos agradáveis, nem que seja apenas para desfrutar do magnífico panorama que daqui descortinamos.

Final, é esta uma janela para nossa cidade e para o mundo. A posição em que esta revista se coloca, aberta, atenta e implacável.



CHEQUE EXPRESSO BANRISUL

A chave mágica que vai abrindo todas as portas do Brasil. Seja a passeio ou seja a negócios, a melhor maneira de viajar sem preocupações e sem imprevistos. Com a tranqüilidade que só o Cheque Expresso Banrisul pode oferecer. Peça informações a qualquer um dos gerentes das 171 agências do Banrisul, espalhadas pelo Brasil, e comece a usar esta chave agora mesmo.



BANCO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, S.A.
O banco de todos.

Figura 11 - Páginas de "Uma janela para o mundo", *Signo comunicação*, Porto Alegre, n. 12, p. 4-5, ago. 1974, com fotografia da Praça da Alfândega.

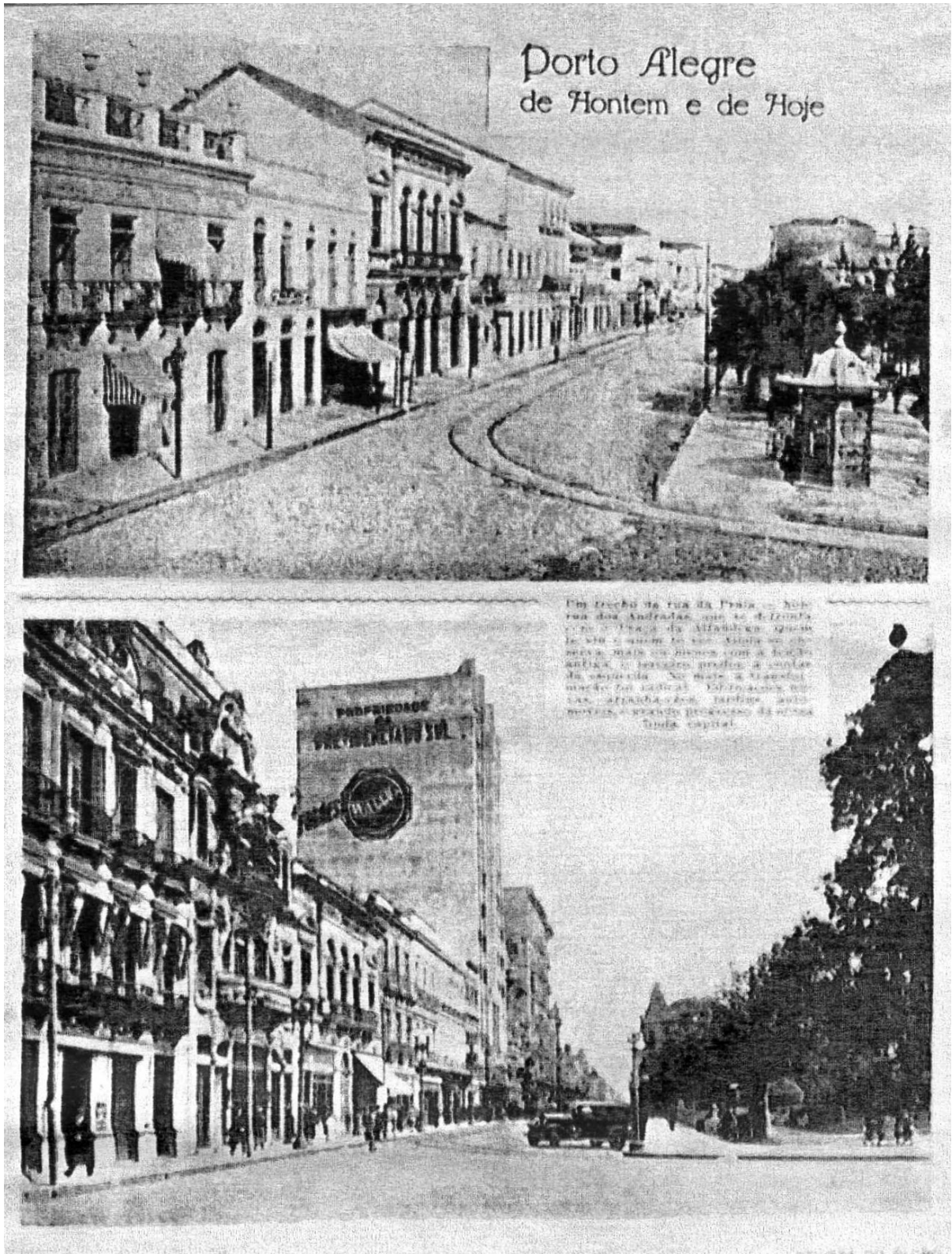


Figura 12 - "Porto Alegre de hontem e de hoje", página da *Revista do Globo*, Porto Alegre, v. 3, n. 18, s/p, 18 jul. 1931.
As fotografias comparam o lado sul da Praça da Alfândega em duas épocas.

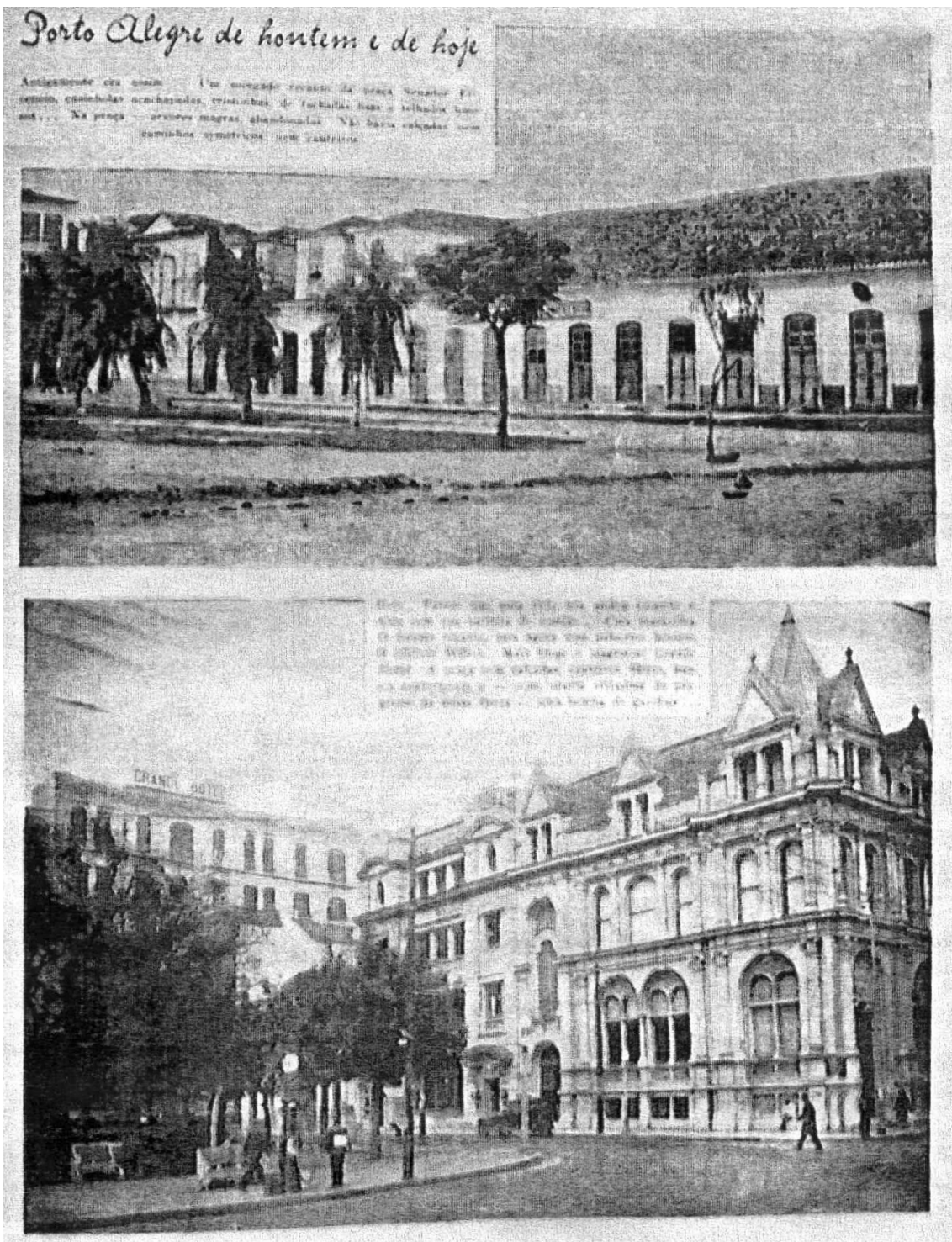


Figura 13 - "Porto Alegre de hontem e de hoje", página de *Revista do Globo*, Porto Alegre, v. 3, n. 20, s/p, 15 ago. 1931. As fotografias comparam o canto sudoeste da Praça da Alfândega em duas épocas.